

A cidade e a infância: os da minha rua - Apontamentos sobre Luandino Vieira e Ondjaki

Profª. Drª. Vera Maquêa (UNEMAT)*

Resumo:

*Luandino Vieira e Ondjaki representam duas gerações de escritores angolanos. Em **A cidade e a infância** Luandino Vieira reedita um tempo deixado para trás, através da geografia de uma cidade maior que Luanda. Ondjaki em **Os da minha rua** reinventa personagens de sua infância que povoaram as ruas de Luanda. As duas narrativas se aproximam pelas ruas de uma cidade, de um país, de um mundo que inspira histórias na forma mágica do conto. Em ambos, as duas cidades se divergem e ao mesmo tempo são a mesma cidade. Neste trabalho pretende-se discutir a perspectiva de dois livros escritos sob diferentes motivações e que guardam um diálogo silencioso entre si pela abordagem do espaço da cidade na infância transformada pela memória.*

Palavras-chave: José Luandino Vieira, Ondjaki, Memória, Cidade, Infância.

Considerações iniciais

Em 2007 foram publicados no Brasil dois livros iconográficos da literatura angolana: **A cidade e a infância**, de José Luandino Vieira e **Os da minha rua**, de Ondjaki. Com estes livros a literatura angolana apresenta aos leitores brasileiros dois tempos da história de Angola, épocas separadas pelo marco da independência em 1975 afirmando, no entanto, um movimento de cortes e continuidades. Já os títulos destes livros revelam suas relações cronotópicas¹: a cidade, com sua geografia mapeando ruas, espaços, pessoas e práticas sociais e a infância, tempo da meninice restaurada e reinventada pela escrita.

Construídos com a matéria e os artifícios da memória, os dois livros revisitam o passado da capital angolana; o primeiro, da dominação colonial e o segundo, dos processos de modernização que vieram com a independência. Em Luandino, cidade e infância estão intrincadas de tal modo que o espaço da cidade e o tempo da infância parecem tornar-se uma só categoria, entretanto, é a cidade, concretizada no desenho das ruas, que predomina como lugar das diferenças sociais, do preconceito e da segregação. Em Ondjaki, os habitantes mirins, com suas peripécias e aventuras, consagram a infância como tempo de fantasia e travessuras, aproximando as histórias de **Os da minha rua** a apontamentos e/ou crônicas do cotidiano. Desse modo, há uma inversão cronotópica deste com relação a **A cidade e a infância**.

I

Luandino Vieira é de uma geração que assistiu ao final da segunda catástrofe, o início da guerra fria, os assombros da guerra colonial, participou das lutas de libertação nacional, viu Angola nascer independente e transitar para outras guerras. Sua literatura surge no interior de um mundo

* Professora de Literatura na UNEMAT. Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Pesquisadora do CNPq com o projeto “Literatura e Cultura nas relações África-Brasil”.
E-mail: maqueav@gmail.com

¹ - Conceito desenvolvido por M. Bakhtin a partir da investigação do desenvolvimento do gênero romanesco em que se consideram as relações indissociáveis entre tempo e espaço na representação literária, na perspectiva dos laços entre literatura e história.

desarranjado, privado de liberdade e em processo de significativas transformações políticas e sociais.

É sabido que Luandino Vieira ficou preso por mais de uma década pela polícia política de Salazar e que muitos de seus livros trazem o assombro dessa experiência. Luandino nasceu em Portugal em 1935, e ainda pequeno foi com a família para Angola, país que se tornou motivo e argumento fundamentais em sua obra literária. Segundo Rita Chaves (1999: p.159-160) “a infância e adolescência passadas na área dos musseques (Braga, Makulusu e Kinaxixi, etc.) deixaram intensas marcas na formação do homem e no trabalho do escritor.”

Ondjaki é filho da independência de Angola, nasce em Luanda em 1977 e encontra um mundo em franca transformação no movimento geral da modernização e da economia de mercado, dá-se com uma tradição literária da qual fazem parte muitos escritores como Manuel Rui, Pepetela, Paula Tavares e o próprio Luandino Vieira. Ou seja, quando Ondjaki publica seus primeiros livros, já existe uma Literatura Angolana consolidada.

Sendo a perspectiva do livro a da infância, é de se notar a abordagem das contradições da sociedade angolana no pós-independência, denunciando de certa maneira um lado do país que dá continuidade aos vícios dos tempos coloniais. Nesse sentido, afirma Alexandre Gomes Neves (2008) que “os contos de **Os da minha rua** revelam traços da sociedade angolana, numa prosa apenas aparentemente inocente.”

Nestes dois livros os contos estão na fronteira com diversos tipos de discursos, ora com características de textos jornalísticos, crônicas poéticas e relatos de experiências, ora com o lirismo próprio da poesia moderna. São em geral curtos e despretensiosos com relação à forma literária do conto, embora estejam catalogados como contos. Se os aspectos mencionados irmanam os dois livros, já não se pode dizer o mesmo sobre as temáticas, nem sobre a posição do narrador diante da matéria narrada.

A juventude que inspira estas histórias é força produtiva tanto em **A cidade e a infância** quanto em **Os da minha rua**. Na perspectiva do narrador, as histórias vêm através do passado e no presente dos acontecimentos fazendo oscilar a visão do adulto em rememoração e a visão da criança ao modo proustiano, no caso, pelo esforço de tocar o presente infância de modo direto, sem mediação. Um artifício, evidentemente, mas que modifica a construção do texto e cria o efeito de temporalidades distintas, como se pode perceber no conto “Encontro do acaso”, de **A cidade e a infância** em que amigos da infância encontram-se anos mais tarde e o narrador mistura magistralmente os tempos:

- Olá, pá, não pagas nada?!

Um encontro de acaso. Um encontro cruel que me lembrou a meninice descuidada. Ele, eu e os outros. A Grande Floresta e o Clube do Kinaxixi refúgio dos bandidos. Os sardões e os pássaros. A fuga da escola. (VIEIRA, 2007: p.11)

(...)

Cá fora, sumindo-se na escuridão, negra como eles, os dois amigos cambaleavam abraçados. E o da harmónica tirava do instrumento uma música que parecia arrote de bêbado através de palhetas, mas que no fundo era a canção de todos nós, meninos brancos e negros que comemos quicueira e peixe frito, que fizemos fugas e fistas e que em manhãs de chuva deitávamos o corpo sujo na água suja e de alma bem limpa íamos à conquista do reduto dos bandidos do Kinaxixi (VIEIRA, 2007: p.15)

Neste conto, o encontro que se dá inesperadamente entre antigos companheiros é o motivo que faz desencadear uma série de reminiscências do narrador, que contrapõe uma época da coragem dos meninos que penetravam no reino dos bandidos à decadência, na vida adulta, dos meninos va-

lentes, levando o narrador a reconhecer “como são dolorosas as recordações” (VIEIRA, 2007: p. 12). De dentro da escrita, o narrador afasta-se para mostrar uma cena em que os amigos “cambaleavam abraçados”, como se quisesse trair o lirismo do narrador em primeira pessoa dessa história, cuja voz própria o traz de volta no mesmo parágrafo, mas já noutro tempo, o tempo da infância.

O cruzamento de temporalidades, obtido graças aos processos de memória que combinam a lembrança e o presente da experiência vivida na infância, dá-se de modo diverso em **Os da minha rua**. Em Ondjaki, o tempo tende a estabilizar-se, e o uso constante dos verbos nas formas do pretérito cria uma narrativa mais linear, do ponto de vista temporal, que em Luandino Vieira. Neste, o encanto é quebrado pelo olhar constante do adulto que revisita a infância fazendo interagir com ela a consciência da maturidade. Em Ondjaki, a permanência do tempo no passado mantém o universo encantado da infância, pleno de poesia com em “Manga verde e o sal também”:

Uma pessoa quando é criança parece que tem a boca preparada para sabores bem diferentes sem serem muito picantes de arder na língua. São misturas que inventam uma poesia mastigada tipo segredos de fim da tarde. Era assim, antigamente, na casa da minha avó. No tempo da Madalena Kamussekelle (ONDJAKI, 2007: p.79)

(...)

Trouxeram sal nas mãos bonitas em concha com cheiro assim duma praia secreta. O Paulinho tinha um canivete e cortou as mangas aos bocadinhos. Cada um pegava um pedacito de manga verde, misturava com o sal e comia devagar. Entre gargalhadas pequeninas, íamos dividindo o momento e a tarde, os olhares e os arrepios, os sons gulosos e as sujidades das mãos que pingavam esquebras de suco para as formigas beberem. (ONDJAKI, 2007: p.81)

O mundo dos meninos na rua ou nas suas aventuras domésticas é raramente desestabilizado em **Os da minha rua**, como, por exemplo, quando o narrador, em “nós chorámos pelo cão tinho-so”, conta a leitura na escola de “Nós matámos o Cão Tinhoso”, do moçambicano Luís Bernardo Honwana, cuja perspectiva narrativa é de uma criança, o que amplia a violência de que trata o romance ao levar os meninos à compreensão da história: “eu estava mais crescido na maneira de ler o texto, porque comecei a pensar que aquele grupo que lhes mandaram matar o cão tinho-so com tiros de pressão de ar era como o grupo que tinha escolhido para ler o texto” (ONDJAKI, 2007: p.133).

Percebe-se que as histórias de Ondjaki não possuem o peso existencial que há em Luandino Vieira. A infância em Ondjaki é irreverente, quase irresponsável. Tem-se a impressão que em Ondjaki não se analisa, se descreve e se narra o mundo, numa memória que guarda a infância pelo olhar da criança. Sua literatura não é reflexiva, é alegria de recordar e brincar com as palavras como se brinca com o mundo da fabulação assegurado pela proximidade entre o diário e a crônica como registros de memória. Semelhante orientação pode ser encontrada no seu livro *Bom dia camaradas* publicado em 2006.

Já a poesia que tinge a prosa de Luandino Vieira aparece, em muitos contos, carregada de pólvora, e nas filigranas da palavra esmorece a crosta dura da vida, transmitindo a esperança possível, revolucionária que enfrentou o mundo sem sentido, mas real, da colonização. As relações cronotópicas nos dois livros são constitutivas do humor de cada obra, ferindo a representação literária de múltiplos discursos e experiências que constroem juntos a textualidade da literatura e da história.

II

A cidade e a infância foi publicado pela primeira vez em 1957, quando Luandino ainda era José Vieira Mateus da Graça e tinha, portando, 28 anos. Este é o primeiro livro do autor angolano, mas já revelava as linhas de força de sua literatura, delineando os traços que seriam aperfeiçoados

anos mais tarde, atingindo a plenitude em obras primas como *Nós, os Makulusu* ou *Nosso Musseque*.

Como lembra Cristiane Santana Silva (2008), em resenha sobre *A cidade e a infância*, Luandino Vieira declara, em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* por ocasião do lançamento de seu livro, que neste livro já estava definida sua proposta literária:

(...) Os sítios, cenários, locais e as gentes que iriam povoar meu imaginário aí aparecem esboçados. Na verdade, sem grande justeza ou profundidade mas a escolha impôs-se-me: a cidade, a nossa terra de Luanda, sobretudo o espaço dos musseques e suas gentes. Também o que do fundo da infância e da adolescência sempre emergia e continua a emergir. É comum saber que para quase todas as pessoas, e quicá mais para os que se fazem escritores, a infância é um manancial sem-fim e por toda a vida. Intenção literária não haveria muita. Ou era limitada a conformar minhas intenções de ser escritor como forma de participar no movimento cultural angolano que, naqueles idos de 1950, renascia com pujança político-cultural. (Jornal *O Estado de São Paulo*: Caderno 2, 28/10/2008).

Antes, porém, em prefácio à segunda edição em 1977, Manuel Ferreira (2007: p.125) já afirmava: “diríamos que o universo ao longo dos anos por ele explorado, nas suas linhas gerais, está já embrionado nestas dez histórias.”

O tom de princípio que faz de **A cidade e a infância** uma espécie de palavra fundadora na obra de Luandino Vieira já não é a aura de **Os da minha rua**, de Ondjaki. Entretanto, o livro de Ondjaki é quase um palimpsesto da primeira obra de Luandino Vieira. Ondjaki, ao publicar este livro, tem idade semelhante à que tinha Luandino Vieira quando publicou **A cidade e a infância**, mas não é estreante como Luandino. São cinquenta anos que separam estes dois livros, revelando universos configurados em tempos e espaços variáveis e de profundas mudanças políticas e sociais.

Hoje, Ondjaki é um escritor conhecido pelo mundo afora. Quando seu livro veio a público no Brasil em 2007, suas obras anteriores já tinham sido traduzidas para o espanhol, italiano, francês e alemão e já haviam lhe rendido prêmios. Quem conhece o escritor não deixa de notar sua expressividade e natureza otimista que combina humor, refinamento crítico e crença em Angola.

O mundo de Luandino Vieira recebia essas qualidades como provocação e subversão e os prêmios eram de natureza diversa. A prisão, debitada de suas idéias, fez parte de um tempo em que não havia conciliação e que os homens só podiam escolher entre duas coisas: estar contra ou a favor do sistema político vigente.

Na Angola atual, o percurso democrático favorece a crítica social que, em geral, é feita por intelectuais e escritores. Ainda que muito jovem, Ondjaki “mostra-se um prosador de grande sensibilidade, capaz de envolver o leitor ao mesmo tempo em que revela traços marcantes de seu espaço social, sem esquecer o diálogo com a já rica tradição literária de seu país” (NEVES, 2008).

Num encontro de literatura no Rio de Janeiro em novembro de 2007 os dois escritores compuseram os fios de um bordado de 50 anos que separam a primeira edição de **A cidade e a infância** e **Os da minha rua**. Foi uma das coisas mais bonitas de se ver: a literatura presente no testemunho raro de dois escritores que estão ali para tratar do passado e do presente, não de modo anacrônico, mas como continuidade viva de construção de uma literatura jovem, mas forte e vigorosa, como foi forte e vigorosa a infância e a memória que constituem o alicerce destes dois livros.

O cronotopo dessas obras dialogam pela transformação social e política da cidade de Luanda que vem na memória da infância traduzida por dois jovens escritores.

III

Num texto inspirador sobre personagens infantis na Literatura Angolana, Tânia Macedo faz as seguintes considerações:

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são os indícios dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. Dessa forma, poderemos acompanhar como essas personagens passam de monandengues a pioneiros, para chegar às tristemente famosas prostitutas infantis, as “catorzinhas”, ou aos “roboteiros”, crianças trabalhadoras dos mercados populares (MACEDO: 2007: p.358).

Em *Os da minha rua*, Ondjaki celebra a infância feliz. Oscilando entre a crônica e o diário, os 22 contos curtos de *Os da minha rua* apresentam o universo aberto da globalização, acontecimentos dos quais Angola também participa como o restante do mundo, o contato com a cultura brasileira pela teledramaturgia ou pela música, bem como pela música norte-americana.

A infância é responsável pela visão lúdica das personagens nos dois autores, não importa onde esteja seu presente, se em meio à paz ou ao desamparo da guerra, nos descompassos gerados pela modernidade. Em Luandino Vieira a maturidade demonstraria mais tarde o que demonstra em geral a maturidade: um Luandino mais reflexivo e mais consciente do ofício de escritor que, no entanto, já se anunciava neste primeiro livro. O texto literário em suas mãos de artesão passará cada vez mais pelo fino lapidar da palavra, encostando o mundo épico da prosa tradicional ao mundo desestruturante, presente na modernidade poética.

Sua narrativa construída de períodos e frases econômicos saltam da página para um filme, numa apresentação dramática da própria narrativa. A fronteira do asfalto a separar dois amigos de infância cujo afeto se via agora nas sutil e real margem entre o musseque o bairro de cimento:

- E tu achas que está tudo como então? Como quando brincávamos à barra do lenço ou às escondidas? Quando eu era o teu amigo Ricardo, um pretinho muito limpo e educado, no dizer de tua mãe? Achas...

E com as próprias palavras ia-se excitando. Os olhos brilhavam e o cérebro ficava vazio porque tudo o que acumulava saía numa torrente de palavras.

- ... que eu possa continuar a ser teu amigo...

- Ricardo!

- que a minha presença em tua casa... no quintal da tua casa, poucas vezes dentro dela!, não estragará os planos da tua família (VIEIRA, 2007: p.40).

O diálogo de Ricardo e Marina é apenas um dos inúmeros momentos do livro em que o narrador tende a afastar-se para deixar no palco as personagens, dramaticamente representando seus destinos. No interior das línguas angolanas, Luandino buscará o motivo e a impressão de seus mundos plurais e enriquecidos mutuamente nesse campo de contradições e adversidades.

Se a infância em Luandino Vieira é revisitada, o olhar do menino e o do moço se cruzam na memória de um tempo que exigia uma postura severa diante da existência, nem por isso a infância perde sua vocação arqueira, como podemos ler em algumas das 10 histórias que compõem **A cidade e a infância**. Histórias tocantes como esta da menina branca e do menino negro, dos afetos dissolvidos no preconceito, na censura de um mundo racionalizado por esquivos e vis interesses que machuca o olhar do menino que lembra.

A cidade é o espaço por excelência de dois mundos que se aproximariam cada vez mais e que revelaria cada vez mais as inconseqüências de autoridades políticas que interferiram nas sociedades

africanas. Sendo a cidade uma aglomeração de civilidade, reserva de prosperidade, sinônimo de modernidade, ela é espaço sagrado da vida pública onde, paradoxalmente a cidade revela as fronteiras do asfalto, as fronteiras entre pobres e ricos, entre brancos e negros.

Sendo os títulos destes livros reveladores, a cidade e a infância mais que um espaço e um tempo, são simultaneamente espaço e tempo articulados numa relação de interdependência, como pensou Bakhtin ao teorizar o cruzamento dessas duas categorias do pensamento. Esse jogo, exposto claramente no título de Luandino Vieira encontra subterfúgio e reverência no título de Ondjaki, designando a infância, de modo indefinido, no artigo definido “Os” da minha rua.

A população indeterminada de um mundo, vai sendo trazida nas páginas do livro na cartografia de um país imaginário, de uma outra cidade, a infância. A rua celebra a cidade de Luandino Vieira, uma Luanda que vivia os anos quentes que engendravam a independência: lugar de encontro, de separação, com suas margens infinitas que não se continham na segregação, extrapolando os limites daquela sociedade.

Ondjaki, na leveza do poeta falante, apresenta-se mais como um exímio contador de histórias, o *griot* das narrativas orais, anunciando a poesia do cotidiano pelo *flask* de uma memória relâmpago que ele assenta em detalhes sobre o papel, consciente daqueles que escreveram antes de si. Ao final, como que saindo do mundo fabuloso, o narrador volta a absorver a realidade do presente:

Deixei os braços pousarem na madeira inchada e húmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá em baixo, na varanda os passos da avó Agnette que ia se sentar na cadeira da varanda a apanhar fresco, senti que despedir-me da minha rua era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua (ONDJAKI, 2007: p.145).

Em Ondjaki e Luandino Vieira, pela escrita como restauração, as fronteiras se desmancham no ar, comunicando uma comunhão do olhar infantil na memória de jovem que ainda não perdeu totalmente a inocência. Estes narradores são representantes de um mundo que não pode mais expressar-se por si mesmo. Estão inalienavelmente ligados à experiência de criar mundos, fazer literatura, lutar com as palavras. Julgar estes livros significa considerar que existe uma Angola latente que pulsou no passado e que continua pulsando no presente, na força da redescoberta da infância, como um país estrangeiro que se visita no susto do acontecimento da escrita, como a memória.

Considerações finais

Entre o adulto e a criança existe um tempo vivo, presente, mas paradoxalmente deixado para trás. O mundo da infância que acaricia uns e aterroriza outros submerge na consciência desses narradores autobiógrafos que restauram a beleza da infância e a fantasia da meninice ao mesmo tempo que fazem lembrar o universo estéril da guerra e da violência, em meio a descobertas e deslumbraamentos próprios da juventude.

A escrita começa a ser interrogada, pois em presença de outros tempos ela se volta sobre a capacidade de reter os traços do passado. É como se houvesse um reconhecimento do limite da articulação verbal da linguagem, mediante a compreensão da impossibilidade de com ela recuperar o passado, ou mesmo perceber simultâneas e justapostas realidades. O tempo passa a ser uma categoria de fundamental importância, por articular espaços transformados historicamente, revelando tensões e contradições. Simultaneidades e justaposições coabitam na arena da memória, e disputam, cada qual a seu modo, um lugar no coração de uma totalidade impossível dentro da narrativa, propondo de modo lúdico o jogo constante entre a cidade-memória e a infância-rua, como terminam por concluir os narradores de Luandino Vieira e Ondjaki, na voz deste último:

(...) senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância (ONDJAKI, 2007, p.145).

Ler estes dois livros hoje é confrontar dois mundos diferentes, como se um fosse escrito no diálogo surdo e silencioso com o outro, na esfera de um mundo que de tanto se inventar deixa de ser ele mesmo, como a memória e o próprio passado, matéria plástica e aberta a inclusive desmaterializar-se em favor de transformada realidade: a da literatura.

Referências Bibliográficas:

- [1] BAKHTINE, M. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978.
- [2] CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. São Paulo: Col.Via Atlântica, 1999.
- [3] FERREIRA, Manuel. “A libertação do espaço agredido através da linguagem – Prefácio à 2ª Edição (1977)”. In: VIEIRA, José Luandino. *A Cidade e a Infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- [4] MACEDO, Tania. “Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola”. In: *A Kinda e a Missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*/ Rita Chaves, Tania Macêdo, Rejane Vecchia (organizadoras). – São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.
- [5] NEVES, Alexandre Gomes. “Os da minha rua – Ondjaki.” Revista **Crioula** [online]. 2008, nº. 03 [citado 2008-05], disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/apresentacao>, , acesso em 15/08/08.
- [6] ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- [7] _____. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007 (Ponta de lança).
- [8] SILVA, Cristiane Santana. “As cidades e as infâncias duma escritura”. In: Revista **Crioula** [online]. 2008, nº. 03 [citado 2008-05], disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/apresentacao>, acesso em 15/08/08.
- [9] VIEIRA, Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.